



Curso de Psicologia

A geração screenagers e a educação na era digital

Nathaly da Silva Costa Melo e Larissa De Sousa Siqueira

Orientador: Prof. Cícero Isaac Pereira de Andrade

RESUMO

O presente estudo busca apresentar um contexto geral sobre a geração screenagers, reconhecidos como nativos digitais, público que nasceu e se desenvolveu com amplo acesso a dispositivos e recursos digitais. A discussão enfoca as implicações que essa virtualização tem na aprendizagem e seus respectivos impactos. Em vista disso, é necessário afirmar que a geração screenagers refere-se a um grupo com acesso ilimitado a dispositivos digitais, usados para interação, comunicação e entretenimento. Este artigo é baseado em pesquisa bibliográfica, tem como objetivo analisar os obstáculos enfrentados por essa nova geração, os impactos na educação, incluindo a prática de realizar várias tarefas simultaneamente. O trabalho salienta quais abordagens pedagógicas podem ajudar no processo de aprendizagem, visando maximizar os benefícios e mitigar os desafios desta geração e como a utilização da tecnologia pode impactar o modo de aprendizagem, ressaltando os desafios e as melhores práticas para otimizar os resultados educacionais. Conclui-se buscar entender os impactos negativos da hiperconexão e explorar as oportunidades que a tecnologia oferece para um aprendizado mais dinâmico, interativo e criativo.

Palavras-Chave: Screenagers; Geração Digital; Procrastinação; Educação; Nativos Digitais; Inclusão e Exclusão Digital.

ABSTRACT

This study aims to present a general context about the screenagers generation, recognized as digital natives, a group that was born and grew up with extensive access to digital devices and resources. The discussion focuses on the implications this virtualization has on learning and its respective impacts. In this regard, it is important to state that the screenagers generation refers to a group with unlimited access to digital devices, used for interaction, communication, and entertainment. This article is based on bibliographic research and aims to analyze the obstacles faced by this new generation, the impacts on education, including the practice of multitasking. The paper highlights which pedagogical approaches can assist in the learning process, aiming to maximize the benefits and mitigate the challenges of this generation, and how the use of technology can impact learning methods, emphasizing the challenges and best practices for optimizing educational outcomes. The conclusion seeks to understand the negative impacts of hyperconnectivity and explore the opportunities technology offers for more dynamic, interactive, and creative learning."

Keywords: Screenagers, digital generation, procrastination, teachers in the digital age, smartphone addiction.

Contato: nathaly.melo@sounidesc.com.br | larissa.siqueira@sounidesc.com.br | cicero.andrade@unidesc.edu.br

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é cada vez mais moldada pela influência da tecnologia digital, e um dos principais reflexos dessa transformação é a geração conhecida como "screenagers". Trata-se de jovens que cresceram imersos em um ambiente saturado por telas digitais e dispositivos eletrônicos, o que impactou diretamente no seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional (Dias e Cavalcanti, 2017, apud Santana et al., 2020).

Segundo Dias e Cavalcanti (2017), a presença digital não apenas molda o comportamento, mas também influencia a percepção de si mesmo e dos outros, consolidando a internet como um elemento central na dinâmica social contemporânea. As redes digitais oferecem um espaço dinâmico para a formação de relações interpessoais, possibilitando a conexão instantânea com pessoas ao redor do mundo, sem barreiras, redefinindo os conceitos de proximidade e intimidade nas interações como um todo.

No ambiente educacional, a internet desempenha um papel fundamental ao ampliar o acesso a uma vasta diversidade de informações e recursos ilimitados, transformando a maneira como o conhecimento é adquirido e compartilhado, tornando-se uma poderosa ferramenta de pesquisa, aprendizado e construção de conhecimento, além de promover novas formas de interação e colaboração, entre alunos e professores. Conforme Escobar et al. (2023), a era digital não apenas desafia as estruturas do ensino tradicional, mas também oferece uma oportunidade de reinventar a educação para torná-la mais inclusiva, dinâmica e adaptada às necessidades da sociedade contemporânea.

Para Amorim et al. (2023), o grande desafio será a maneira entre conciliar a integração da tecnologia com o desenvolvimento de habilidades críticas, colaborativas e construtivas, sem perder de vista o papel essencial da mediação humana no processo de aprendizagem e atenção sobre a importância da inclusão digital para estudantes. Nesse sentido, os educadores precisam se reinventar, abraçando as inovações tecnológicas enquanto mantêm um olhar atento à formação integral do estudante.

A integração das tecnologias digitais na educação tem transformado e repaginado a nova forma de ensino e aprendizagem como um todo, numa sociedade cada vez mais tecnológica, onde as informações chegam na palma da mão, tem se tornado um grande desafio da educação, visto que os métodos de ensino tradicionalista não contemplam mais as necessidades dos alunos contemporâneos (Lombardi, Evandro et al., 2022).

Dessa maneira, segundo Santos (2019), faz-se necessário uma abordagem voltada para a implementação do uso da tecnologia, unindo a interação entre os alunos e os docentes. Essa integração pode ser eficaz para uma troca de conhecimentos entre uma geração que anteriormente estava habituado a um ensino tradicional, a uma geração que está familiarizada com o método de ensino em constante evolução. Essa geração anterior pode ser definida como “imigrantes digitais”, que estão adequados aos métodos pedagógicos tradicionais, de modo que os seus processos de adaptações e adoção ao meio digital pode ser visto como uma ferramenta essencial no desenvolvimento de estratégias pedagógicas (Amorin et al., 2023).

Ao compreender como os screenagers interagem com essas tecnologias, é crucial que observamos quais são as melhores maneiras de adaptar práticas pedagógicas eficazes ao método de ensino atual dessa geração. Além disso, identificar os efeitos das tecnologias digitais no desenvolvimento cognitivo e comportamental dos screenagers ajuda a identificar tanto benefícios quanto minimizar possíveis riscos. Isso inclui aspectos como atenção, memória, habilidades de resolução de problemas, e a capacidade de pensamento crítico. Em um mundo cada vez mais digital, a alfabetização digital é uma competência essencial, sendo importante entender como esse grupo adquire conhecimento, informações e utiliza essas habilidades, para podermos orientar políticas educacionais e currículos escolares para melhor prepará-los para o futuro.

Há uma crescente preocupação com os impactos das mídias digitais na saúde mental e bem-estar dos jovens. Compreender esses efeitos pode ajudar a desenvolver estratégias para promover o uso saudável das tecnologias e prevenir problemas, tais como ansiedade, depressão, e isolamento social (De Souza Fernandes; Martini, 2023). Também será como os “screenagers” utilizam as redes sociais e outras plataformas digitais e como isso afeta suas interações sociais e a formação de suas identidades.

O presente estudo tem como objetivo específico compreender a geração screenagers investigar os impactos da imersão digital no desenvolvimento educacional da geração screenagers possibilitar abordagens pedagógicas para maximizar os benefícios e mitigar os desafios da geração screenagers investigar como o uso excessivo da internet pode afetar o funcionamento cognitivo do aluno.

Neste trabalho, iremos explorar como a tecnologia digital influencia o processo educacional e o desenvolvimento emocional e cognitivo dos jovens da geração screenagers, além de discutir estratégias para uma educação mais inclusiva.

MATERIAIS E MÉTODOS

Observa-se que essa geração está acostumada a processar informações de maneira rápida e com a presença constante de estímulos como vídeos curtos e variados modelos de redes sociais, o que impacta suas expectativas e práticas no âmbito da aprendizagem, uma vez que demonstram preferência por conteúdos dinâmicos e resultados ágeis. Em um ambiente educacional, isso significa que, muitas vezes, alunos dessa geração podem se distanciar de métodos tradicionais de ensino, como aulas expositivas longas ou textos densos, que exigem uma repensada nas metodologias educacionais.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada como metodologia, com base na análise de estudos e produções acadêmicas relevantes ao tema sobre o tema, especialmente nas obras de Lakatos (2003) e Gil (2002) sendo um processo que exige dedicação análise por parte do pesquisador, com intuito de coletar, analisar materiais relevantes que servirão como base e suporte para o desenvolvimento da pesquisa (Sousa et al., 2021).

Para oferecer uma visão mais abrangente sobre o tema, foram pesquisados estudos que exploram acerca da geração screenagers, incluindo a educação, a educação a distância (EAD) o papel do professor na era digital, a procrastinação causada pelo uso da internet, o funcionamento cognitivo e sua influência na formação do adolescente.

Nos critérios de inclusão, foram considerados artigos pesquisados em plataformas como Google Acadêmico, Scielo e Pepsic, que abordassem as temáticas da geração screenagers, professores na era digital e smartphones. Já os critérios de exclusão descartaram artigos que não fossem relevantes para essas temáticas ou que carecessem de embasamento teórico ou empírico. As palavras-chave utilizadas na pesquisa foram: Geração screenagers; Comportamento digital; Procrastinação digital; Educação digital; Papel do professor na era digital. Screenagers; Geração Digital; Procrastinação; Educação; Nativos Digitais; Inclusão e Exclusão Digital.

Nosso objetivo é que as propostas discutidas ao longo deste estudo promovam reflexões existentes sobre o assunto abordado, ajudando a expandir o entendimento sobre como a educação pode evoluir para atender as demandas da geração screenagers, com práticas que incentivem a criatividade, a interação e o pensamento crítico e os critérios de inclusão e exclusão digital.

1. A GERAÇÃO SCREENAGERS

Ao entender que avanço tecnológico ocorre num processo acelerado, trazendo novos caminhos para interações entre pessoas em localidades distantes, promovendo desde capacitações e conhecimentos sem limites, não seria diferente para a geração atual que vive completamente desse avanço tecnológico, geração essa conhecida como “Screenagers” que tem como sua maior prioridade a utilização da tecnologia como meio para comunicação, leitura, relacionamentos e até mesmo a sua interação com o mundo. Essa geração que está totalmente imersa na cultura digital trazendo consigo prós e contras, uma vez que esse acesso desenfreado à informação ao longo do dia exige que os jovens venham a possuir novas habilidades de conduta, fazendo com que seja repensado o ensino tradicional como um todo (Oliveira et al., 2023).

Atualmente os adolescentes que estão envolvidos no mundo virtual são considerados a “Geração Screenagers” pois comunicam-se de forma interativa através de tecnologias sejam elas celulares, tablets, computadores ou outras maneiras de estar conectados à internet, sendo considerados uma forma de identificar os jovens que utilizam práticas constantes como essa (Escobar et al., 2023). Com isso, devido ao uso constante das tecnologias relacionadas à internet, os Screenagers obtêm conhecimentos de forma rápida, instantânea e sem limites, fazendo com que os professores e agentes escolares repensem nas práticas de ensinar e cativar esses estudantes, tornando-se uma tarefa que merece atenção e repaginação na forma de ensinar e aprender (Amorim et al., 2023).

Ao entender que essa geração está trazendo mudanças no estilo tradicional de ensino, é preciso levar em consideração que alguns alunos, não têm acesso e recursos a tecnologias atuais, de modo que, ao invés de ajudar no avanço da educação, isso pode consequentemente acarretar a uma desigualdade educacional, tecnológica no ensino e aprendizagem como um todo (Pereira et al., 2023).

Por ser essa, uma geração que vem enfrentando uma grande sobrecarga em lidar com tantas informações e a constante exposição, é possível perceber que vem como forma de mudanças e adaptações, pressionando as escolas, professores e sociedade a evoluírem sem limites (Santos et al., 2023). Essa mudança traz consigo o questionamento em como podemos evoluir a educação a distância (EAD), pois ela tem se tornado uma alternativa cada vez mais popular nos dias atuais, tanto no aspecto de organização de tempo e no âmbito financeiro, possibilitando que pessoas de diferentes locais tenham acesso à educação superior, viabilizando o acesso ao conhecimento de forma mais democrática e flexível (Martins et al., 2014).

No entanto, existem vários desafios que essa geração pode trazer para os docentes, como promover o foco, dar orientações dentro da sala de aula, perceber até que ponto é importante a utilização da tecnologia e até que passo virou somente um vício ou descontrole em ter respostas e estímulos em milésimos de segundos. Como observado por Silva (2005, apud Pereira et al., 2024) "os jovens de hoje têm uma forma diferente de processar informações e se engajar com o conhecimento. Eles estão acostumados a uma aprendizagem mais interativa, rápida e multimidiática, o que contrasta com o modelo tradicional de ensino expositivo em sala de aula."

A geração screenagers espera uma educação que esteja alinhada com seu estilo de vida digital e que faça uso efetivo da tecnologia para melhorar o processo de aprendizagem. Eles anseiam por uma abordagem mais interativa, colaborativa e personalizada, na qual possam explorar ativamente os recursos digitais, se envolver em projetos criativos e participar de comunidades de aprendizagem online (Prensky, 2008, p. 13).

É de suma importância que exista um envolvimento ativo dos pais com os docentes para que seja possível equilibrar uma relação saudável entre essa geração e o uso excessivo da tecnologia. É fundamental entender que, embora a internet seja uma ferramenta de enorme valor, ela também pode representar um risco, pois contém conteúdos inadequados e perigosos. Sem a devida filtragem, pode causar sérios danos a uma mente ainda em processo de amadurecimento, incapaz de assumir certas responsabilidades e suas consequências (Amorim et al., 2023).

Conforme Livingstone e Haddon (2009, apud Amorim et al., 2023) a educação digital e o modelo de ensino ead necessitam de melhores orientações e suportes dos pais e professores, para que estejam conscientes da importância do uso da tecnologia com ética e discernimento.

É preciso que haja uma conscientização dos impactos que existem na relação entre a internet e a geração, mostrando a realidade que o vício em telas pode trazer, sendo algo que sem o devido cuidado, pode se tornar prejudicial aos usuários, transparecendo a importância em se ter uma gama de possibilidades e informações na palma da mão (Oliveira et al., 2023). Apesar da grande facilidade em ter informações, a tecnologia vem trazendo preocupações, pois mostra que os jovens, além de possuir dificuldades em se desconectar das redes para ter um convívio social real, estão começando sua vida profissional de forma tardia (Rodrigues et al., 2023). Ao compreender o uso da tecnologia e seus mais variados recursos sem limites, esses que podem trazer diversos conteúdos ricos em informações além de seus meios de comunicação virtual que podem ser benéficos para o desenvolvimento de ensino e aprendizagem, no entanto, apesar das suas vantagens, o uso de forma incorreto pode ocasionar

impactos negativos que podem afetar na atenção, concentração e cognição desse aluno, por isso a conscientização e o equilíbrio do uso extensivo digital é extremamente necessário na nossa sociedade atual (Costa et al., 2023).

2. EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL

A Geração Screenagers, vem inovando seus meios de ensino através da imersão digital, sendo um grande desafio para os docentes atuais, repensando o ensino tradicional como um todo, onde o mesmo vem passando por grandes transformações, tanto no ensinar como no aprender (Scuisato, 2014).

Apesar desse fator, o uso da tecnologia de forma extensiva pode prejudicar na educação escolar trazendo distrações e vícios sem limites no uso da internet, e consequentemente afetando na aprendizagem do sujeito como um todo. As distrações podem estar relacionados aos jogos, redes sociais e à dificuldade de organizar e planejar o tempo dos afazeres acadêmicos (Pereira et al., 2023). Além disso, “Os desafios surgem do contraste entre suas habilidades digitais e os métodos tradicionais de ensino, tornando crucial a integração da tecnologia no ambiente educacional” (Amorin et al., 2023 p. 3).

Esses desafios também estão intimamente ligados à procrastinação, sendo um desafio recorrente perante ao desempenho acadêmico, abrangendo desde a educação fundamental até o ensino superior, devido a ampla disponibilidade de acesso a internet, que oferece diversos recursos que podem ocasionar distração devido a sua condição de uso irregular e sem limites. No que diz respeito a procrastinação, ela acaba por evidenciar casos que vão desde da perda de foco, atenção concentrada reduzida, até a atrasos de prazos na execução das atividades dos discentes (Martinčková e Enright, 2018; Tuckman, 1991, apud Soares et al., 2023).

O uso dos smartphones tem se consolidado como uma grande ferramenta para todas as pessoas, integrando-se ao cotidiano, no entanto, também apresenta uma problemática que se torna crescente a cada dia. O uso desenfreado da tecnologia resulta em consequências sociais, acadêmicas e profissionais, pois resulta em uma procrastinação constante que vem se tornando cada vez mais uma fonte de sofrimento psicológico (Soares et al., 2023). Além disso, foi avaliada a relação entre o vício em smartphone e a procrastinação acadêmica, constatando-se que a dependência do smartphone, quando associada à procrastinação, contribui para a piora do desempenho acadêmico e ao aumento do estresse” (Esichaiku et al., 2016, apud por Soares et al., 2023).

O smartphone se tornou onipresente entre os jovens, o que trouxe desafios significativos para os docentes, no entanto, fazer com que não utilizem essa tecnologia é como “andar na contramão”. Os docentes se vêem de forma a reinventar a educação, pensando que a utilização dos smartphones em sala de aula também pode ser uma vantagem, fazendo com que as pesquisas, solução de problemas e leitura tornem-se mais leves (Alves et al., 2015).

Acredita-se que o uso do celular favorece o desenvolvimento intelectual, social e cognitivo de forma integrada, pois funciona como uma ferramenta que estimula a assimilação e acomodação de conteúdos pedagógicos. Ao oferecer novos caminhos para a aprendizagem, o desenvolvimento intelectual ocorre de maneira natural, promovendo o exercício da capacidade de pensar (Gomes & Costa, 2014, p. 58, apud Alves et al., 2015).

As transformações na aprendizagem acadêmica, estão diretamente relacionadas ao papel dos professores, que devem estar preparados não apenas para conciliar os artifícios de ensino tecnológico ao ensino, mas também para despertar o interesse e o prazer dos alunos pelo conteúdo abordado em sala de aula. Isso exige que os professores se reinventem adaptando suas metodologias ao que há de novo, estimulando a curiosidade e criatividade dos alunos (Santos, 2019).

Nesse cenário educacional contemporâneo, é indispensável que os docentes possuam letramento digital e, pelo menos, conhecimento básico quando se trata de tecnologia, visto que o modelo tradicional de ensino já não atende às exigências modernas. Em algumas regiões, como no Ceará, existe uma lei que proíbe o uso de dispositivos em sala de aula, sugerindo essa como a melhor solução para lidar com tal realidade. Contudo, podemos refletir que tal abordagem não se mostra eficaz diante das necessidades educacionais atuais (Oliveira et al., 2020).

Alguns professores argumentam que os celulares distraem os alunos, e isso é verdade. No entanto, antes da popularização dos smartphones, os alunos já se distraíam, apenas com outras coisas, Essa realidade continua presente, mesmo nas escolas o uso de celulares foi proibido. O que causa a distração dos alunos é o desinteresse pela aula, e não na existência pura e simples de um celular (Antonio, 2010, apud por Oliveira et al., 2020).

Os docentes precisam de uma formação e orientação mais ampliada no que diz respeito ao uso dos smartphones, a fim de se sentirem mais seguros ao integrar a tecnologia em suas aulas. Isso é fundamental para que possam formar alunos com senso crítico e a capacidade de reflexão sobre vários temas (Oliveira et al., 2020).

Outra desvantagem a ser considerada é quando analisamos a falta de alguns recursos didáticos, que pode ocasionar a exclusão digital. Com a ausência de um letramento digital

adequado, corre-se o risco de promover uma alienação, o que pode resultar jovens sendo expostos a informações persuasivas e hipnóticas, sem a capacidade crítica necessária (Oliveira et al., 2020).

É importante ressaltar que a exclusão socioeconômica e a exclusão digital estão interligadas, sendo que uma agrava a outra. A inclusão digital deveria ser uma prioridade de políticas públicas, com a destinação adequada de recursos orçamentários para garantir que todos os cidadãos tenham acesso a oportunidades iguais. Para que essa inclusão ocorra, é essencial considerar pessoas com baixa escolaridade, renda limitada, além das dificuldades impostas por limitações físicas e etárias. No entanto, a exclusão digital no Brasil envolve não apenas a falta de dispositivos como computadores, mas também a dificuldade das pessoas em utilizar as tecnologias disponíveis, seja por falta de habilidades ou até mesmo pelo desinteresse. Esse fenômeno é percebido em indivíduos que não sabem utilizar aparelhos comuns, como celulares, e reflete a exclusão de uma sociedade cada vez mais digitalizada, onde o acesso e o uso de tecnologias são essenciais para a participação social (Almeida et al., 2005).

Além disso, a educação é um processo contínuo, e a inclusão digital é um elemento essencial para esse desenvolvimento. As instituições de ensino devem promover o aprendizado e a interação dos cidadãos com as novas tecnologias, possibilitando um aprofundamento constante em novos conhecimentos. A tecnologia desempenha um papel importantíssimo para a educação, visto que apoia as pesquisas e facilita o crescimento acadêmico, colaborando para um desenvolvimento social, cultural e econômico (Marcon e Karina 2020).

Segundo Abramovay e Castro (2003, apud Chiossi e Costa, 2018) “os alunos têm expectativa de que a escola tenha condições mínimas de acesso às tecnologias de informação e comunicação e que sejam instrumentalizados para usá-las”, é fundamental que os professores estejam alinhados com as novas abordagens tecnológicas de ensino, proporcionando estímulos atrativos para os alunos.

Embora as modificações do ensino tradicional para o tecnológico trazem diversas vantagens, o uso inadequado da internet de forma irregular pode trazer complicações à aprendizagem. A busca por respostas prontas, sem a leitura aprofundada, reduz a curiosidade e limita a capacidade dos alunos de obter insights significativos (Santos, 2019).

3. FUNCIONAMENTO COGNITIVO E O PAPEL NA FORMAÇÃO DOS ADOLESCENTES

O modo como a mente processa as informações é chamado de cognição, e os processos cognitivos são os mecanismos pelos quais aprimoramos nossas habilidades intelectuais e emocionais, adquirimos novos conhecimentos e adotamos posicionamentos. A internet, nesse contexto, possibilita acesso a uma quantidade imensa de informações, consumindo significativamente menos tempo do que o exigido em comparação aos meios de informações impressas de forma tradicional (Lima e Silva, 2023).

A internet tornou-se uma ferramenta extremamente prática para diversos aspectos da vida cotidiana, seja na comunicação, aprendizado e trabalho. No entanto, o uso excessivo e desregulado dessa ferramenta pode acarretar sérios impactos à saúde física e mental. Essa falta de equilíbrio pode comprometer a memória de longo prazo, resultando em cansaço mental e prejuízos cognitivos (Rosa et al., 2019).

No aspecto cognitivo, os adolescentes atingem o estágio mais avançado do desenvolvimento cognitivo, identificado por Piaget (1972) como estágio operatório-formal. Nesse período, eles desenvolvem a habilidade de pensar abstratamente e lidar com informações de forma mais flexível. Além disso, aprimoram o raciocínio hipotético-dedutivo, permitindo a formulação de hipóteses e testes para solucionar problemas, o que favorece análises mais detalhadas e a consideração de múltiplas soluções. A capacidade da memória de trabalho continua sendo desenvolvida e lapidada, capacitando-os a enfrentar questões mais complexas e tomar decisões baseadas em diversas informações. Essas mudanças funcionais facilitam a aquisição, manipulação e retenção de informações relacionadas ao pensamento (Lorezon et al., 2021).

Durante a primeira infância, a família desempenha um papel crucial ao fornecer os vínculos afetivos primários, além dos cuidados e estímulos essenciais para o desenvolvimento saudável da criança. A qualidade desse cuidado, tanto no aspecto físico quanto emocional e social, está diretamente ligada à estabilidade das condições de vida, tanto socioeconômicas quanto psicossociais (Andrade et al., 2005).

Ao longo dos anos, é evidente que as gerações passaram por transformações significativas, cada uma sendo definida por eventos históricos e sociais que moldam os indivíduos e suas práticas culturais e sociais, como por exemplo a expansão das redes sociais com plataformas como o facebook, que redefiniram o modo de interação social. Outro marco importante foi a revolução tecnológica, que impulsionou uma constante adaptação das pessoas especialmente com o avanço do uso da Internet e das novas tecnologias (Costa et al., 2023).

Diversos estudos apontam que o uso de jogos eletrônicos está relacionado ao aprimoramento do aprendizado, ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras, à melhoria da orientação espacial e ao estímulo à socialização. Além disso, esses jogos podem contribuir para ganhos no foco e na atenção, áreas frequentemente impactadas na geração *screenagers*. Os benefícios desse uso também foram demonstrados em terapias médicas, incluindo psicoterapias. Contudo, com o aumento da popularidade da Internet e dos jogos eletrônicos, surgiram relatos, tanto na mídia quanto em estudos científicos, de pessoas que se tornaram "dependentes" da realidade virtual oferecida por esses meios. É importante destacar o aumento do isolamento social e a queda no desempenho escolar e acadêmico devido ao excesso de tempo de tela (Abreu et al., 2008).

Com o avanço acelerado da tecnologia, especialmente no campo das interações digitais, surgiram novas formas de organização cognitiva. Esse processo envolve a reconfiguração de como processamos informações e geramos sinapses. Assim como uma criança aprende a usar as mãos antes de dominar a escrita, desenvolvemos a habilidade de interagir com o mundo digital de forma intuitiva. Esse aprendizado ocorre muitas vezes sem que compreendamos completamente as potencialidades e limitações das ferramentas tecnológicas que utilizamos (Kress, 2000, p.182, apud Arruda, 2023).

Os próprios alunos reconhecem as dificuldades relacionadas à concentração. Lanier (2018) destaca que esse problema tem se tornado cada vez mais dispersivo do mundo real e fragmentado no ambiente virtual. O tempo também sofre uma fragmentação inadequada, já que os alunos frequentemente alternam sua atenção entre o professor, e os diversos aplicativos, como WhatsApp, Facebook e Instagram, comprometendo o foco e o aprendizado. Cada uma dessas ferramentas é projetada com propostas específicas para capturar e reter a atenção. Como resultado, a concentração dos alunos se esvai, dificultando a absorção das informações transmitidas pelo professor, que precisa competir com os diversos estímulos provenientes dos computadores e smartphones utilizados pelos discentes (Santos., 2022).

Portanto percebe-se que os dispositivos tecnológicos proporcionam uma sensação de recompensa ao estimular a liberação de dopamina no cérebro, gerando uma sensação imediata de prazer e satisfação. Para essa substituição de fonte de satisfação, é possível adotar uma abordagem que valoriza interações no mundo real, desde práticas de atividades esportivas, a exploração de ambientes ao ar livre e momentos de qualidade com familiares e amigos, promovendo conexões mais significativas, prazerosas e duradouras. É crucial, entretanto, manter um equilíbrio saudável entre o uso da tecnologia e as experiências pessoais e sociais. Isso envolve regular o tempo dedicado às telas, organizar melhor a rotina e criar um

cronograma disciplinado, especialmente em atividades como o estudo, o que contribui para uma maior capacidade de memorização e concentração (Rosa et al., 2019).

4. ABORDAGENS PEDAGÓGICAS NA ERA DIGITAL

A geração screenagers é composta por jovens que acreditam que suas conversas online são totalmente privadas e que têm liberdade para acessar e compartilhar as informações que desejam. No entanto, a orientação dos pais e professores é algo indispensável para que esses jovens aprendam a proteger suas informações pessoais. Infelizmente, essa orientação é rara, visto que muitos pais e professores ainda não sabem como lidar com essas questões. O grande desafio é garantir que esses jovens tenham as ferramentas e habilidades necessárias para navegar de forma segura, protegendo sua privacidade e evitando os riscos associados ao uso excessivo ou inadequado da tecnologia (Palfrey et al., 2011).

Existem várias estratégias a serem consideradas para evitar riscos de segurança como a educação, o desenvolvimento da tecnologia, as normas sociais e a lei. Além disso, é fundamental que os responsáveis preparem os jovens adequadamente, ensinando-os a desenvolver habilidades críticas para analisar e cruzar as informações antes de confiar nelas. Essa abordagem é especialmente importante, pois a geração screenagers enfrenta uma grande sobrecarga de informações, o que torna mais difícil distinguir fontes confiáveis de conteúdos duvidosos (Palfrey et al., 2011).

Devemos salientar que os responsáveis também têm a responsabilidade de se familiarizar e se preparar para as necessidades da nova geração, buscando constantemente o aperfeiçoamento, tendo o professor como facilitador nesse processo. É necessário que os educadores analisem como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) podem influenciar na aprendizagem dos alunos. Além disso, com a evolução da tecnologia, é possível notar que, em alguns países, como o Brasil, ainda há uma carência de equipamentos modernos, como computadores de última geração, e o acesso à internet permanece insuficiente para atender plenamente às necessidades educacionais. Os docentes também precisam aprimorar seu conhecimento sobre os novos discursos e linguagens digitais que são usadas pelos alunos, para que assim, seja possível integrá-los de forma criativa e construtiva ao processo educacional (Silva et al., 2022).

“A entrada das novas tecnologias nas salas de aula facilitam a criação de projetos pedagógicos [5], trocas interindividuais e comunicação à distância, redefinindo o relacionamento estabelecido entre professor e aluno. Os professores deixam de ser líderes oniscientes e os materiais pedagógicos evoluem de livros-textos para

programas e projetos mais amplos. As informações se tornam mais acessíveis, os usuários escolhem o que querem, e todos se tornam criadores de conteúdo” (Mercado, 2002).

Na temática da educação a distância, essa modalidade se apresenta como uma forma de integração, onde os docentes se veem na obrigação de elaborar materiais instrucionais e planejar estratégias de ensino criativas. A utilização das novas TIC’S surge como um feixe de luz, proporcionando um estudo mais dinâmico. O objetivo é incentivar os discentes a organizar seu próprio tempo de estudo e criar um ambiente que favoreça seu aprendizado (Almeida, 2003).

As abordagens de Educação a Distância (EaD) por meio das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) podem ser classificadas em três tipos principais: broadcast, virtualização da sala de aula presencial e estar junto virtual. A abordagem trata a tecnologia computacional como uma ferramenta para fornecer informações, de maneira similar ao que a rádio e a televisão fazem no modelo tradicional. A virtualização da sala de aula ocorre quando as redes de comunicação virtual substituem as aulas presenciais, permitindo que o conteúdo seja transmitido de forma online. Já o estar junto virtual, também conhecido como aprendizagem assistida por computador (AAC), explora o potencial interativa das TIC’S, utilizando a comunicação multidimensional para os emissores e receptores dos cursos, criando condições que favorecem a aprendizagem e a colaboração entre os alunos (Prado e Valente, 2002, p. 29, apud Almeida, 2003).

A educação a distância pode, então, redefinir o papel do professor, incentivando os discentes a descobrir novos significados ao serem motivados a pesquisar e produzir de forma mais autônoma. Nesse contexto, professores e alunos tornam-se parceiros no processo educativo, colaborando para criar novas ideias e possibilidade de aprendizado enriquecendo a experiência de ambos (Almeida, 2003).

Conforme Prensky (2001, apud Amorim et al., 2023) a Geração Screenagers, habituada ao uso ininterrupto de dispositivos eletrônicos e mídias digitais, necessita de uma abordagem equilibrada em relação à tecnologia. O desafio não reside apenas em integrar a tecnologia no ambiente escolar, mas em utilizá-la de maneira inteligente para potencializar o processo de ensino-aprendizagem, evitando que ela se torne uma simples fonte de desconcentração.

Segundo Amorim et al. (2023) os docentes precisam estar atentos aos riscos associados à dependência exagerada dos dispositivos eletrônicos nos alunos. Entre esses riscos, destacam-se a redução das interações sociais presenciais e o surgimento de problemas

de saúde, como a fadiga ocular e distúrbios posturais, que resultam do uso prolongado de telas. É fundamental que os educadores promovam um equilíbrio saudável no uso da tecnologia, incentivando práticas que favoreçam o bem-estar físico e social dos alunos.

Todos os envolvidos no processo educativo dessa “Geração Screenagers” enfrentam o desafio de estabelecer um equilíbrio saudável entre o mundo digital e o não digital. Embora a tecnologia ofereça vastas oportunidades para aprendizado e interação, é crucial garantir que os estudantes desenvolvam igualmente habilidades sociais, concentração e criatividade fora do ambiente virtual. Criar espaços e momentos dedicados a uma educação que vá além das telas é essencial para permitir que os alunos explorem o mundo ao seu redor de maneira mais significativa e enriquecedora (Amorim et al., 2023).

De acordo com Amorim et al. (2023) ao compreender a adaptação pedagógica para os nativos digitais, a integração responsável da tecnologia, a orientação dos pais no uso consciente dos dispositivos eletrônicos e a busca por um equilíbrio entre o mundo digital e o não digital são aspectos fundamentais para garantir uma educação eficaz e enriquecedora para essa geração altamente conectada.

Durante a pandemia, conforme Marcon (2020) a educação no Brasil e em todo o mundo passaram por uma transformação significativa, com a incorporação das Tecnologias Digitais de Rede (TDR) nas práticas educacionais, impactando na educação básica até o ensino superior. Esse movimento evidenciou a importância da inclusão digital, uma vez que uma grande parcela expressiva da população brasileira ainda enfrenta limitações no acesso a dispositivos, desde computadores, e uma internet de qualidade.

DISCUSSÃO

A pesquisa realizada trouxe questões significativas sobre a Geração Screenagers e sua interação com o mundo, predominantemente mediada pela tecnologia. Esses jovens, imersos em dispositivos eletrônicos, vivem em um estado de hiperconexão, que envolve o uso constante da tecnologia para acessar informações e se comunicar de forma imediata, fazendo da tecnologia uma extensão do seu corpo e integrando-a ao seu cotidiano. Embora essa realidade traga diversas possibilidades, também impõe desafios tanto aos pais quanto aos educadores que os acompanham nesse processo. A diversidade de experiências e habilidades que esses alunos trazem para a sala de aula representa um desafio significativo, especialmente para escolas que ainda seguem métodos tradicionais arcaicos e obsoletos no ato de ensinar. Nesse contexto, é fundamental que os educadores compartilhem conhecimentos entre si,

promovendo uma relação mais fluida e colaborativa entre aluno e professor (Oliveira et al., 2023).

Podemos analisar que a geração screenagers tem uma intensa interação com telas de computadores, celulares, tablets e outros dispositivos eletrônicos conectados à internet. Esses dispositivos fazem parte do cotidiano dos adolescentes, facilitando a realização de diversas tarefas de forma rápida e conveniente, sem a necessidade de sair do lugar. Essa interação com a tecnologia é constante, inclusive durante o trajeto para a escola, demonstrando o quanto os adolescentes estão sempre conectados e dependentes do dinamismo oferecido pelos dispositivos eletrônicos (Escobar et al., 2023).

A geração Screenagers apresenta tanto desafios quanto oportunidades inovadoras para a educação. Ao adotar as tecnologias de tela de maneira equilibrada e consciente, a educação tem o potencial de oferecer aos alunos uma experiência mais enriquecedora, preparando-os para lidar com os desafios do mundo digital em constante evolução. É essencial que os educadores assumam um papel crucial na orientação dessa geração para um uso produtivo da tecnologia, promovendo uma aprendizagem significativa e relevante (Escobar et al., 2023).

No entanto, a presença da geração screenagers nas instituições escolares traz consigo vários desafios. Os professores precisam repensar suas práticas pedagógicas para se alinharem com as expectativas e habilidades dessa nova geração. Um dos desafios mais evidentes é a distração, a exposição constante a estímulos digitais pode fazer com que os estudantes percam o foco nas atividades acadêmicas. Por isso, é fundamental desenvolver estratégias que incentivem a concentração e o engajamento dos alunos, criando um ambiente de aprendizagem estimulante. A geração screenagers enfrenta o desafio da sobrecarga de informações, pois estão sempre expostos a uma grande quantidade de dados e conteúdos digitais (Santos et al., 2023).

Essa geração apresenta expectativas diferentes em relação à educação, é necessário repensar as metodologias de ensino, para que seja possível proporcionar experiências educacionais mais dinâmicas e adaptadas às necessidades dessa geração. Eles esperam uma educação alinhada com seu estilo de vida digital, com uso efetivo da tecnologia para melhorar o processo de aprendizagem, buscando abordagens mais interativas, colaborativas e personalizadas (Santos et al., 2023).

Por outro lado, o uso excessivo de dispositivos eletrônicos e a dependência das telas podem trazer desafios para a educação. A distração causada pelas redes sociais e pelos jogos dificulta a concentração e desempenho acadêmico, além disso a leitura, a compreensão e retenção de informações se torna mais complicada. Diante disso, esses adolescentes

necessitam de ferramentas que possam auxiliar no processo de forma crítica, consciente e produtiva (Pereira et al., 2024).

Neste contexto, este trabalho buscou explorar, por meio de pesquisa bibliográfica, a relação da geração digital com a educação, destacando os desafios que os alunos digitais representam para as escolas e os professores. É importante considerar como o uso constante da tecnologia afeta a prática educativa e como os educadores podem lidar com as demandas e características dessa nova geração de alunos.

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto no presente estudo, fica evidente a importância dos docentes, da equipe pedagógica e dos responsáveis legais na formação dos Screenagers. Dito isso, observa-se que essa geração surge de forma acelerada e com mudanças que buscam romper com o antigo método de ensino tradicional, trazendo novas formas de interação e aprendizado sem fronteiras.

Essa geração composta por jovens que cresceram em uma era profundamente tecnológica, estão constantemente conectados, utilizando dispositivos eletrônicos como smartphones, tablets e computadores para acessar informações, se comunicar e se entreter. Para essa geração, a tecnologia é uma ferramenta essencial e inseparável, integrando-se à sua identidade e à forma de interagir no mundo.

Na educação, esses nativos digitais representam um verdadeiro desafio, exigindo a reavaliação e reinvenção das práticas educacionais de ensino para engajar esses jovens de forma construtiva. Ao utilizar ferramentas e recursos tecnológicos, é possível tornar o aprendizado mais atraente, criativo e relevante no saber, incentivando a aquisição de conhecimento de forma inovadora. Essa abordagem, em plena era digital, deve ser um espaço de ricos constructos e transformações ilimitadas, capacitando os discentes a enfrentarem os obstáculos e desafios de um mundo hiperconectado em que vivem.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos à universidade e a todo corpo docente, especialmente à coordenadora do curso de Psicologia, professora Sônia Regina Basílio Amoró, que nos proporcionaram uma base sólida para o nosso aprendizado e desenvolvimento acadêmico.

Nosso reconhecimento vai também ao nosso orientador, Cicero Isaac P. de Andrade, por ter aceitado a condução deste projeto e por sua valiosa orientação, sempre disponível a nos apoiar nas dificuldades e a incentivar nossas ideias.

Aos nossos familiares, que nos apoiaram incondicionalmente durante toda essa jornada, somos imensamente gratos. Sem seu amor e compreensão, não teríamos conseguido superar os desafios deste processo.

Valorizamos imensamente também aos nossos amigos, que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para a construção deste artigo, oferecendo apoio emocional, discussões enriquecedoras e momentos de descontração que nos motivaram a seguir em frente.

Finalmente, expressamos nossa gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada um de vocês teve um papel importante na nossa trajetória e na conclusão deste projeto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educação e pesquisa*, v. 29, p. 327-340, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000200010>. Acesso em: 26 set. 2024.

ALMEIDA, Lília Bilati de et al. O retrato da exclusão digital na sociedade brasileira. *JISTEM - Journal of Information Systems and Technology Management*, São Paulo, v. 2, p. 55-67, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jistm/a/7BZxyCX73JT9tJbBmsbfZ8w/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

ALVES, Eliane Dias Gomes; DE FREITAS VIEIRA, Márcia. Celular e sala de aula: dos limites às possibilidades. In: *Anais do XXI Workshop de Informática na Escola*. SBC, 2015. p. 236-245. Disponível em: <http://dspace.nead.ufsj.edu.br/trabalhospublicos/handle/123456789/311>. Acesso em: 6 abr. 2024.

AMORIM, Nathalia Maria et al. GERAÇÃO SCREENAGERS E UM NOVO MODELO DE “E-EDUCAÇÃO”. *RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218*, v. 4, n. 9, p. e493947-e493947, 2023. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/3947>. Acesso em: 16 mar. 2024.

ARRUDA HISSA, Débora Liberato. O DESIGN MULTIMODAL DE PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS: DA BARRA DE ROLAGEM INFINITA À ORGANICIDADE ALGORITMIZADA DO FEED DE NOTÍCIAS. *Intersaberes*, v. 18, 2023. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2496>. Acesso em: 26 set. 2024.

CHIOSSI, Renata Reis; COSTA, Christine Sertã. Novas formas de aprender e ensinar: a integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na formação de professores da educação básica. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, v. 11, n. 2, p. 160-176, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5771/577163618011/html/>. Acesso em: 1 maio 2024.

COSTA, João Elias Ferreira et al. GERAÇÃO “SCREENAGERS”: O IMPACTO DA TECNOLOGIA NA FORMAÇÃO EDUCACIONAL DOS JOVENS. *Revista Ilustração*, v. 4, n. 2, p. 61-68, 2023. Disponível em: <https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/155>. Acesso em: 11 abr. 2024.

ESCOBAR, Cristiane Tonetto et al. GERAÇÃO SCREENAGERS E EDUCAÇÃO. *Revista Ilustração*, v. 4, n. 2, p. 69-74, 2023. Disponível em: <https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/156>. Acesso em: 17 mar. 2024.

LIMA, Gercina A.; SILVA, Patrícia N. Aspectos Cognitivos na Representação da Informação na Web: as sete áreas do conhecimento. *Advances of Knowledge Representation*, v. 3, n. 2, p. 144-177, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fronteiras-rc/article/view/45376/38883>. Acesso em: 18 mar. 2024.

LOMBARDI, Evandro et al. Tecnologias móveis na educação básica: o smartphone no processo de ensino e aprendizagem no contexto do ensino médio. 2018. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2178-52012022000100208&script=sci_arttext. Acesso em: 17 nov. 2024.

LORENZON, Ana Júlia Guimarães et al. Impactos do uso excessivo de redes sociais na adolescência: uma pesquisa bibliográfica. *Disciplinarum Scientia| Saúde*, v. 22, n. 3, p. 71-82, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/3874/2921>. Acesso em: 28 mar. 2024.

MARCON, Karina. Inclusão e exclusão digital em contextos de pandemia: que educação estamos praticando e para quem?. *Criar Educação*, v. 9, n. 2, p. 80-103, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/6047>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MARTINS, Lara Barros; ZERBINI, Thaís. Educação a distância em instituições de ensino superior: uma revisão de pesquisas. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v. 14, n. 3, p. 271-282, 2014. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1984-66572014000300003&script=sci_arttext. Acesso em: 10 abr. 2024.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. A internet como ambiente auxiliar do professor no processo ensino-aprendizagem. In: Conferência Internacional sobre Educación, Formación y Nuevas Tecnologías y e-Learning. 2002. p. 1-12. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/download/cp/NOVAS%20TECNOLOGIAS/M2/leitura%20anexa%202.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

OLIVEIRA, Débora Leite et al. O papel do professor na era digital: desafios e transformações. Revista CBTECLE, v. 4, n. 1, p. 268-283, 2020. Disponível em: <https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTECLE/article/view/229/64>. Acesso em: 6 abr. 2024.

OLIVEIRA, Ricardo Furtado et al. A GERAÇÃO SCREENAGERS E A EDUCAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES. Revista Ilustração, v. 4, n. 4, p. 59-67, 2023. Disponível em: <https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/180>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PALFREY, John; GASSER, Urs. Nascidos na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/230589829.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

PEREIRA, Maria Aparecida Martim et al. GERAÇÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO: DESAFIOS E ADAPTAÇÕES. Revista Amor Mundi, v. 5, n. 2, p. 289-296, 2024. Disponível em: <https://journal.editorametrics.com.br/index.php/amormundi/article/view/426/359>. Acesso em: 10 abr. 2024.

RIBEIRO ROSA, Aline; LIMA MONTEIRO, Cláudio Costa; DILSON BRISOLA, Rinaldo. O uso diário e a dependência da internet: a nomofobia–megadesafio para professores. Atlante Cuadernos de Educación y Desarrollo, n. enero, 2019. Disponível em: https://www.eumed.net/rev/atlante/2019/01/dependencia-internet.html?fb_comment_id=2287917747925130_4395175083866042. Acesso em: 26 set. 2024.

SANTOS COSTA, Késia et al. O impacto das redes sociais na saúde mental dos adolescentes: os gatilhos da ansiedade virtual. Global Academic Nursing Journal, v. 4, n. Sup. 3, p. e383-e383, 2023. Disponível em: <https://globalacademicnursing.com/index.php/globacadnurs/article/view/526/778>. Acesso em: 7 abr. 2024.

SANTOS, Lilian Cristina Vicente dos. A INTERNET E A EDUCAÇÃO: UMA NOVA ESTRATÉGIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM. 2019. Disponível em: <http://dspace.nead.ufsj.edu.br/trabalhospublicos/handle/123456789/311>. Acesso em: 5 mai. 2024.

SANTOS, Rodrigo Otávio dos. Algoritmos, engajamento, redes sociais e educação. Acta Scientiarum. Education, v. 44, 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2178-52012022000100208&script=sci_arttext. Acesso em: 28 mai. 2024.

SCUISATO, Dione Aparecida Sanches. Mídias na educação: uma proposta de potencialização e dinamização na prática docente com a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem coletiva e colaborativa. UNB/UEG: Brasília, p. 2500-8, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/download/33347045/Mídias_na_educacao.pdf. Acesso em: 4 mai. 2024.

SILVA, Joas Santana; NICODEM, Maria Fatima Menegazzo. O uso das tecnologias na educação: facilitador da aprendizagem. Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia, v. 12, n. 31, p. 1-21, 2022. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/recit/article/view/04718>. Acesso em: 26 set. 2024.

SILVA RODRIGUES, Roberto Gleydson et al. GERAÇÃO DIGITAL NO AMBIENTE ESCOLAR. Revista Ilustração, v. 4, n. 5, p. 33-40, 2023. Disponível em: <https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/196>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SILVA, Tatiana Petúlia Araújo et al. A GERAÇÃO DOS SCREENAGER E A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA. Revista Amor Mundi, v. 4, n. 7, p. 63-69, 2023. Disponível em: <https://journal.editorametrics.com.br/index.php/amormundi/article/view/295>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SOARES, Ana Karla Silva et al. Dependência do smartphone: relação entre procrastinação, saúde geral e valores humanos. Quaderns de Psicologia, v. 25, n. 1, p. e1834-e1834, 2023. Disponível em: <https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v25-n1-soares-barros-rezende-et-al>. Acesso em: 5 abr. 2024.

SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Q3AbKKnXDKAJ:scholar.google.com/+pesquisa+bibliografica&hl=pt-BR&as_sdt=0.5

SOUZA PEDROSO, Júlia; DA SILVA, Kauana Soares; DOS SANTOS, Laiza Padilha. Pesquisa descritiva e pesquisa prescritiva. JICEX, v. 9, n. 9, 2017. Disponível em: <https://unisantacruz.edu.br/revistas-old/index.php/JICEX/article/view/2604>. Acesso em: 26 out. 2024.